

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Artes
Licenciatura em Artes Visuais

Aline Capelli Vargas

DIÁRIO GRÁFICO:
Narrativas de arte, pesquisa e ensino

Porto Alegre
2021

Aline Capelli Vargas

Diário gráfico :

Narrativas de arte, pesquisa e ensino

Trabalho de Conclusão de Curso de
graduação como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em Artes
Visuais do Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Nunes da
Rosa

Porto Alegre

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Vargas, Aline Capelli
Diário gráfico: narrativas de arte, pesquisa e
ensino / Aline Capelli Vargas. -- 2021.
46 f.
Orientadora: Aline Nunes.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2021.

1. Arte. 2. Pesquisa. 3. Ensino. 4. Diário gráfico.
I. Nunes, Aline, orient. II. Título.

Aline Capelli Vargas

Diário gráfico :

Narrativas de arte, pesquisa e ensino

Trabalho de Conclusão de Curso de
graduação como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em Artes
Visuais do Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Nunes da
Rosa

Porto Alegre, 25 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Aline Nunes da Rosa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Paula Mastroberti
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

À meus pais, Roberto (*in memorian*) e Cleufe, agradeço a oportunidade de estar nesse mundo e a educação e o amor que sempre cultivaram. À minha mãe, especialmente, agradeço o exemplo de dedicação, de dar sempre seu melhor em tudo que faz, de tornar o seu entorno mais bonito com as ferramentas disponíveis.

Ao meu querido padrinho tio Brenno (*in memorian*) que me ensinou a gostar de arte e à minha madrinha tia Binha que sempre me incentivou a estudar.

Aos meus irmãos, Rodrigo, meu companheiro de infância feliz, Melina, minha irmã tão esperada, e Tiago, o caçula do meu coração, agradeço o amor incondicional e o apoio amoroso, sempre.

À minha amada filha Valentina, e ao meu querido filho Samuel, agradeço a oportunidade de crescer junto, de aprender e ensinar. E ao saudoso Miguel (*in memorian*) agradeço as lembranças do amor.

Ao Márcio, fiel amigo e grande amor, agradeço o incentivo em estudar arte e o companheirismo e apoio que me dá.

À minha querida professora orientadora Aline Nunes, por aceitar guiar-me nesta investigação. Ao professor Cristian, meu querido orientador de estágio, e à professora Paula, minha alfabetizadora em mídias digitais, agradeço pela participação na banca examinadora.

Aos demais professores do curso de Artes Visuais, e também aos funcionários da Universidade, que trabalharam para que tudo funcionasse e que ousaram implementar o ensino remoto.

E agradeço à todas às pessoas da sociedade brasileira que ainda trabalham acreditando no direito de estudar arte gratuitamente na universidade pública.

RESUMO

Partindo das concepções de diário gráfico como suporte artístico para pesquisa em educação e objeto portátil para livre expressão, pretende-se transformar a prática da estudante, artista e futura professora de arte em um objeto de investigação e narrar o papel da feitura de diários gráficos na sua formação durante os mais de seis anos do curso em Licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Artes da UFRGS, em Porto Alegre. A potência dos diários gráficos como suporte artístico para produção poética revela-se nas imagens e nos objetos produzidos e materializados, nos estudos plásticos e visuais, e também no que foi abandonado, esquecido ou ultrapassado. Por meio da análise das narrativas de arte, pesquisa e ensino que transbordaram nos diários, essa pesquisa viva levou à criação de um plano de aula experimental e ao desenho de um novo diário gráfico em formato de *site* para expandir as possibilidades dessa mídia e atender à demanda do ensino remoto imposta pela pandemia de doença por coronavírus (Covid 19). O conjunto da obra dos diários gráficos produzidos tem contiguidade, apresenta ideias geminadas entre produção artística e escrita, contextualizando as diferentes experiências vividas ao longo das disciplinas. A pesquisa realizada com o trajeto do diários gráficos fomentou questionamentos, reflexão e fazer. A investigação incorporou questionamentos visuais, poéticos e narrativos, usando a potência da arte como postura ante o mundo para mudar o ponto de vista da investigação em educação.

Palavras-chave: Diário gráfico. Arte. Pesquisa. Educação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Huehuetleot, o velho deus mexicano do fogo visto no Museo de Antropologia e clonado no Ateliê de Cerâmica I.....	11
Figura 2 – Rainha do nosso Gongá. Depois de uma batucada no AfroSul Odomodê em um Encontro de Saberes.....	12
Figura 3 – Flor de placenta. Colheitas de parideira no Tópicos Especiais de Desenho IV	13
Figura 4 – Furin: sino de vento de origem japonesa na em diário da Oficina de Técnicas Cerâmicas.....	14
Figura 5 – Diário de autorretratos inverossímeis.	15
Figura 6 – Ritmo coronário de estudos pictóricos no caderno de viagem e sonho..	16
Figura 7 – Slam Mosca no tablet e Zine Mosca no caderno, em Tópicos de ensino da Arte	17
Figura 8 –Li Octopus e estudos de cor: diário do primeiro ano da licenciatura	18
Figura 9 – Artífice, técnicas tradicionais, ancestralidade, exploração do trabalho no diário de Desenho	19
Figura 10: Os encantos de Vovó, em diário da Oficina de Técnicas Pictóricas	20
Figura 11 – Tecendo conhecimentos.....	21
Figura 12 – Diários pós pandemia e pré ensino remoto	22
Figura 13 – Livre como um passarinho: HQ hibernando em diário de aquarela com capa revestida de resto de calça jeans!.....	23
Figura 14 – No caderno e no tablet, as presenças no Encontro de Saberes.....	24
Figura 15 – Frase da pandemia no Laboratório de Processos Gráficos.....	26
Figura 16 –. Práticas da educação escolar	27
Figura 17 – Ensimesmada no Ateliê de gravura I	28
Figura 18 – Alguns dos diários gráficos deste percurso formativo.....	29
Figura 20: Derivas em brochuras A6, diários de Tópicos de Ensino da Arte.	31
Figura 21 – Da encadernação à edição de vídeo pra ensinar a fazer um diário com os materiais que se tem em casa.	34

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	9
2.OBJETO PORTÁTIL PARA LIVRE EXPRESSÃO	11
2.1.PRODUZIR SENTIDOS	15
2.2. QUEM SOU ENTREMEIOS?	18
3.PERSPECTIVAS SOBRE O PROCESSO FORMATIVO.....	21
3.1.QUAL ARTE?	23
3.2 QUAL PESQUISA?	25
3.3. QUAL ENSINO?	26
4 MÍDIAS E PERCURSOS.....	29
4.1.SITE: O DIÁRIO GRÁFICO PÓS-PANDEMIA.....	32
4.2.EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO REMOTO.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE A – PLANO DE AULA PARA ENSINO MÉDIO.....	39

1.INTRODUÇÃO

Filha da escola dos anos 80 do século passado, acostumei-me a sempre andar com um objeto portátil que permitia alguma expressão artística, dentro dos limites que um caderno de 48 folhas pautadas podia suportar. Havia sempre um registro gráfico, uma colagem, um rabisco, um esboço. Na adolescência, inspirada por diferentes heroínas de romances brasileiros e estrangeiros, meus diários também não comportavam apenas relatos textuais, mas muitos desenhos de cunho imaginativo ou de observação, registros que estendiam a experiência literária. Também tive muitas agendas, que eram verdadeiros repositórios de todo tipo de recordações, objetos, intervenções. Ao longo da vida, segui sempre com agendas ou cadernos e cadernetas para registro de tudo, da lista de compras ao sonho da noite anterior, passando por rabiscos e esboços e esquemas de todo tipo.

Em 2015, numa oficina com a amiga artista Liana de Abreu, aprendi a encadernação com costura copta e tiras de couro e tecido. Os anos subsequentes assistiram a uma profusão de cadernos criados por mim a partir da ideia e resultado desse primeiro, com papéis de diferentes usos: para aquarela, para desenho, papel vegetal, de arroz, colorido na fibra, jornal. Nestes cadernos, testei gravuras, pintei, anotei durante a aula, fiz muito desenho de observação.

Uma oficina com Vanessa Fuzina apresentou a costura de 3 e 5 pontos, que também foi crucial para o desenvolvimento de interessantes diários gráficos, cheios de desenho e sonho. O aplicativo *Bamboo Paper*, para esboço, desenho, colagens e anotações, instalado num *tablet* antigo, um *iPad 4* com sistema operacional IOS 10.3.3, proporcionou novos horizontes, com possibilidades de desenho digital. Embora eu já tivesse experiência com diários em editores de texto, poder mesclar o desenho ao texto possibilitou a feitura de diários predominantemente de desenhos e registros visuais. O *tablet* atendeu muito ao conceito “portátil”.

Pesquisar meus diários gráficos confeccionados e utilizados durante os seis anos e meio da licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Artes da UFRGS, em Porto Alegre, propõe transformar a prática da educadora e da artista em um local de investigação. Considerando-se essa investigação uma pesquisa e a teoria como prática, como processo, como problematização que impactam a percepção baseada na arte.

Atualmente, há 8 meses, vivo em Mérida, no estado mexicano de Yucatán. Portanto, há mais de um ano vivendo num mundo pós pandemia pela doença do coronavírus (COVID 19), cuidando dos meu *cubrebocas* (como se chamam as máscaras aqui no sul do México) como cuido das minhas calcinhas, acostumada a ter a temperatura medida e a mão esterilizada por álcool gel em qualquer estabelecimento comercial, e a perceber o uso da máscara totalmente incorporado por praticamente toda população, dos senhores ao bebês. Com a parte infantil dos parques e escolas fechadas, adolescentes tendo aula durante horas na frente do computador. Eu mesma, horas na frente do computador, assistindo aulas ao vivo que poderiam ser palestras gravadas, tentando manter a concentração e a perdendo nas 20 abas abertas no navegador, nas conversas de *Whatsapp* com a família e clientes e patrões. Assistindo muita aula com a câmera fechada, para poder fazer tudo ao mesmo tempo em casa e no trabalho, e poder aproveitar o espaço com os colegas que estão no mesmo barco, beber da inteligência e do dinamismo de outros estudantes. Uma média de mais de 10 horas conectada por dia, uma profusão de video conferencias, a bateria dos dispositivos fervendo, os dispositivos envelhecendo e ficando obsoletos diante dessa nova demanda digital.

Agora que já estou há mais de um ano sem a materialidade dos corpos das minhas querides professores e colegas num espaço compartilhado presencialmente, depois da transformação das aulas presenciais em ensino remoto, parte do que vivi durante o curso de licenciatura me parece tão melancolicamente distante, evoco a magia daquele prédio velho em tons de rosa acizentado, nas salas cheias de gente tão diversa performando suas existências, e nos ateliês de luz velada ou escrachada, espaços disputadíssimos, onde quem se atrasava não encontrava mais um bom lugar onde posicionar seu cavalete. Os cadernos materializaram esse tempo como velhos daguerreótipos. E resultaram na eleição de um site chamado [Diário Gráfico](#), contemporâneo passível de ser partilhado, buscado, navegado e que permite publicar recursos multimídia, como vídeo, *gif*, áudios, otimizando a apresentação.

Todas as fotos e imagens deste trabalho, e também do site, são de minha autoria, e compõem parte dos meus diários gráficos. Todas as imagens que aparecem aqui estão na lista de obras do site.

2.OBJETO PORTÁTIL PARA LIVRE EXPRESSÃO

Feitor profícuo de diários gráficos, Eduardo Salavisa (2008) os descreve como um objeto portátil que permite a livre expressão por meio de técnicas combinadas de conteúdo gráfico, observado ou imaginado, não necessariamente descritivo ou objetivo. Esse artista português considera o diário gráfico um recurso artístico e acadêmico, que brinca com a linguagem do desenho e da escrita, com a pretensão de manter um registro contínuo e produzir sentidos. Para outro artista, Timothy O'Donnell (2009), o termo “diário” pode ser considerado como privado, de âmbito particular, o que permite espaço para inspirar, sonhar acordada, fazer livres associações e explorações: um espaço que permite o erro e encoraja a experimentação, um reservatório de informações e ideias. Para Renato Alarcão (2014), artista brasileiro, o diário gráfico é um mapa de ideias ou experiências, que pode ser apagado, eliminado, reciclado, revisitado, arquivado.

Os diários gráficos que me acompanharam durante a graduação surgiram a partir de uns poucos cadernos industrializados. O primeiro ano da graduação, 2016, foi todo registrado num caderno marca Canson tamanho A4, de 96 folhas C à grain, gramatura de 234g/cm. Seguido de muitos cadernos feitos por mim, tamanhos entre A4 a A7, de folhas novas de diversas gramaturas, marcas, qualidades e fins, e também de folhas reaproveitadas de diversas origens, como *found paper*, esboços malogrados, embalagens, em encadernação japonesa, ou costura copta ou brochura.

Figura 1 – *Huehuetleot*, o velho deus mexicano do fogo visto no *Museo de Antropologia* e clonado no Ateliê de Cerâmica I



Fonte: nanquim e aquarela sobre papel; argila de palhoça e engobe, elaboração própria (2018).

No meu percurso de licencianda na universidade pública e gratuita, o diário gráfico registrou escritos, desenhos, rabiscos, rascunhos, pinturas, gravuras, colagem, texturas, sangue, lágrimas. Guardou recordações, pensamentos, sentimentos, recortes, fotos, embalagens, flores, folhagens, pequenos objetos. A potência dos diários gráficos como suporte artístico para produção poética revela-se nas imagens e nos objetos ali registrados e posteriormente produzidos, e materializados, sendo base e também trampolim de estudos plásticos e visuais, quer realizados, imaginados, transformados ou abandonados durante o curso. A figura 1 mostra à esquerda, desenho de observação de objeto cerâmico em diário gráfico de viagem ao México, em fevereiro de 2018 e, ao lado, peça em cerâmica queimada em baixa e decorada com engobe, confeccionada na disciplina de Ateliê de Cerâmica II (2018).

Pois há potencial também no que permaneceu como plano, que sobreviveu como esquema, e não foi (ainda) materializado, o que está oculto e o que foi esquecido ou ultrapassado. O trabalho por meio dos diários permitiu experimentar “desenhos malogrados que, sozinhos, são a esperança da descoberta”, conforme Fernand Deligny (1947, p. 121).

Figura 2 – Rainha do nosso Gongá. Depois de uma batucada no AfroSul Odomodê em um Encontro de Saberes



Fonte: colagem e desenho digital, elaboração própria (2018).

Como já explicado, cadernos, um *iPad* antigo e um aplicativo permitiram a criação de diversos diários digitais, conforme a figura 2, que exhibe desenho e colagem. O que contam tais recursos? Que a produção artística foi guiada pelos ateliês frequentados por mim durante a graduação e que as reflexões grafadas nos diários foram muito influenciadas pelas leituras sugeridas nas disciplinas cursadas. Em princípio, os diários eram objeto plástico, de papel e tecido e fios e couro e pigmento e meio: um objeto físico, palpável, passível de alteração pela umidade, pelo café, pelo pó. Por questões de transporte e apresentação a plasticidade dos recursos que permitiam a feitura dos diários gráficos foi ultrapassada de vez com a chegada da pandemia e da suspensão das aulas presenciais. Vivendo em outro continente, a milhares de quilômetros dos cadernos e sem a possibilidade de usar o corpo e o objeto físico para comporem a apresentação dessa conclusão do curso, esse meio digital oferecido por um *site*, recheado de imagens, sentidos, escritas, vídeos, áudios, registros produzidos ao longo da licenciatura é o novo formato do diário gráfico da conclusão da minha licenciatura.

Meus diários serviram para registrar e refletir diversos processos de aprendizagem, catárticos e caóticos, vividos ao longo dos sete anos dos estudos de licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Artes da UFRGS. Contém desde cálculos exatos sobre a fórmula de um esmalte cerâmico para altas temperaturas até bilhetes trocados com as colegas, passando por muitas anotações visuais de aula.

Figura 3 – Flor de placenta. Colheitas de parideira no Tópicos Especiais de Desenho IV



Fonte: técnica mista à esquerda e nanquim à direita, elaboração própria (2017).

Essas anotações visuais não são ilustrações, no sentido de que não estão ali para informar ou melhorar o entendimento do texto, mas surgem da vivência mesmo do momento registrado, por observação ou reflexão, que tensionam ou mesmo destoam de alguma escrita. E também outras imagem que servem para materializar objetos e fatos imaginados, projetados, desejados e, quem sabe, realizados.

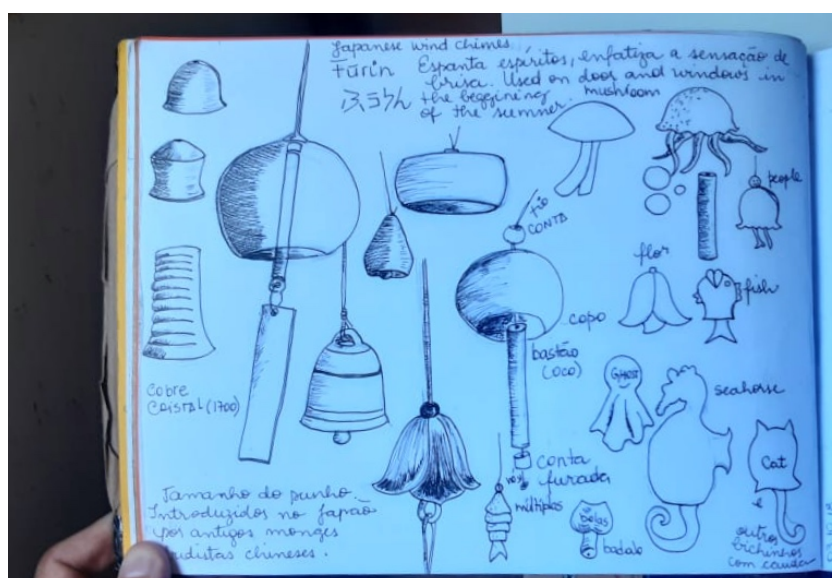
Conforme Marilda de Oliveira e Leonardo Charréu (2016)

"(...) no que diz respeito às imagens, estas necessariamente precisam "dialogar" com o texto, "tensioná-lo", ou seja, colocar-se em relação com o texto e não ilustrá-lo, nem representá-lo. Não devem ser decalque, mas estabelecer mapas com o texto. Estabelecer ressonâncias significa que o leitor não encontrará um caminho a ser percorrido. Terá de ser ele a construí-lo, a estabelecer os nexos." (OLIVEIRA; CHARRÉU, 2016, p.).

A produção imagética nos meus diários gráficos é condizente com tudo o que foi pensado durante e ao final do processo de graduação e, portanto, única em cada caso. No paradigma da guinada pós estruturalista, depois da morte do autor, do fim da história, autonomia e desconstrução, nem tudo é texto:

"Seja lá o que for a virada pictórica (...) Ela é o reconhecimento de que o ato do espectador/intérprete (olhar, gaze, relance, práticas de observação, vigilância e prazer visual) pode ser um problema tão profundo quanto as várias formas de leitura (decifração, decodificação, interpretação, etc) e que a experiência visual ou 'alfabetização visual' [visual literacy] pode não ser totalmente explicável através do modelo da textualidade.'" (MITCHELL 1995, apud MARTINS, 2015 p. 23)

Figura 4 – *Furin*: sino de vento de origem japonesa na em diário da Oficina de Técnicas Cerâmicas



Fonte: grafite e caneta nanquim, elaboração própria (2018).

E esse corpo de experimentações, aprendizagens, reflexões que não pode ser explicado pelo texto, em minha experiência tem conexão direta com a criação de diários gráficos.

2.1.PRODUZIR SENTIDOS

De acordo com Adolfo Vázquez (1999) *aesthetics*, do grego *aesthesis*, significa literalmente “sensação” , “percepção sensível”. A teoria do saber sensível é a estética; a teoria das ações da vontade, a ética. A estética trata do âmbito dos sentidos, do corpo e da arte e estabelece a experiência humana como ponto central, obedecendo à necessidade humana inerente de dar-lhe sentido, ao superar a unilateralidade funcional do objeto, enriquecendo e ampliando seu âmbito. A realidade peculiar e o comportamento humano específico constituem-se objeto da Estética, ao recuperar a consciência do lugar que ocupa em sua relação direta e imediata com o objeto estético ou com um produto artístico em particular. Qual a contribuição da estética para a prática? Ainda citando Vázques (1999), a teoria estética pode servir para revelar a ideologia que permeia os conceitos das funções da arte, do papel do artista, das relações entre arte e sociedade. Percepção, beleza, forma, conteúdo, matéria, expressão, significação, verdade, linguagem, etc., explicam e fundamentam a estética como teoria geral da arte.

Figura 5 – Diário de autorretratos inverossímeis.

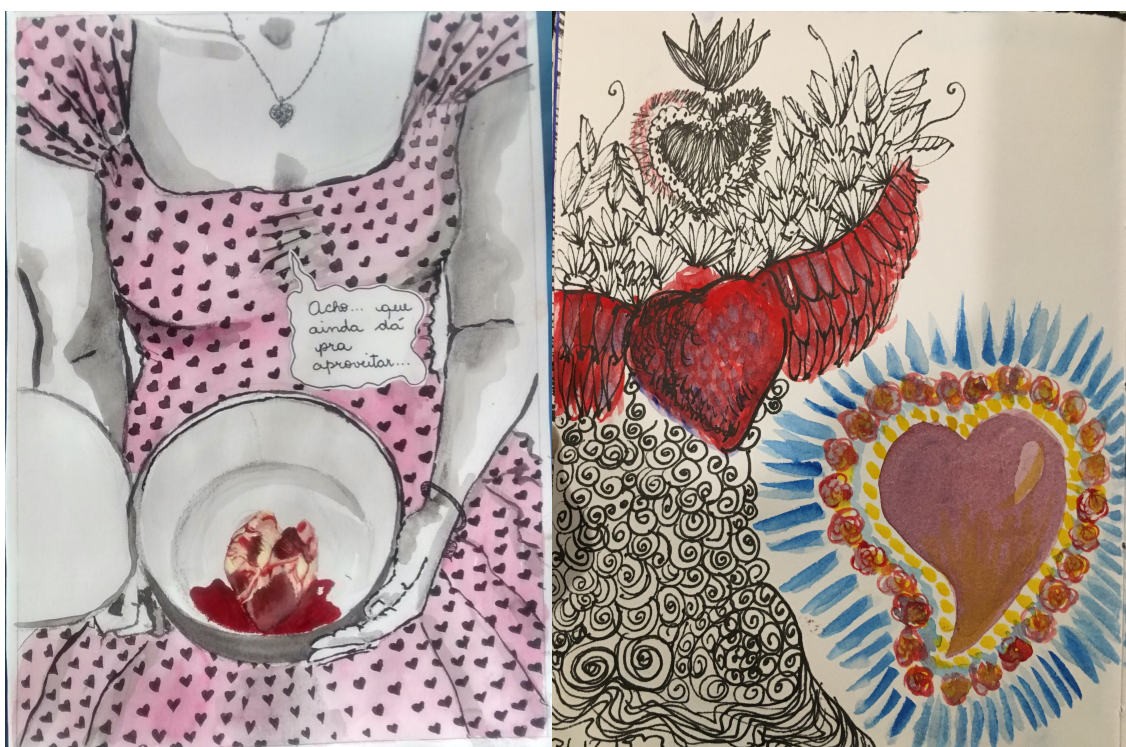


Fonte: Grafite e aquarela, à esquerda. Ao lado, bico de pena e acrílica, elaboração própria (2018-2020).

Meus diários gráficos são experiência e processo poético, ético e estético. São discursos de conhecimento, mídia cognitiva. Pois a mídia, segundo William Mitchell (2010) forma a base infraestrutural, a condição quase-transcendental, para a experiência e a compreensão, torna o conhecimento possível em um dado momento histórico, media o fornecimento de espaço e tempo, do nicho onde a experiência concreta se torna possível. De acordo com Johanna Drucker (2010) a mídia é o lugar do sentido e da experiência e tornou-se sujeito e substância dos trabalhos de arte, não apenas seu meio de produção.

Durante minha formação procurei viver meu trabalho, representar minha compreensão e executar minhas práticas integrando teoria, prática e criação por meio de experiências estéticas: produzir sentido, no lugar de fatos e dados. Os diários gráficos são minha produção artística, o modo como busquei compreender o mundo complexo de minhas experiências a partir de meu ponto de vista. Apresento experiências visuais e textuais que situam a produção artística como cerne do meu processo de pesquisa: questionar, buscar problematizar e informar por meio das artes. A narrativa aqui contada é a do papel da feitura de diários gráficos na formação de uma estudante, artista e futura professora de arte.

Figura 6 – Ritmo coronário de estudos pictóricos no caderno de viagem e sonho



Fonte: Técnica mista, elaboração própria (2017-2019).

Neste sentido, meus diários gráficos não são neutros nem subordinados, muito menos suplementares, à minha formação. São, além de um meio de comunicação, ambiente onde formas de vida podem desenvolverem-se., conforme Mitchell (2010). Por meio de meu registro gráfico ao longo da graduação, busquei capturar o inefável, o que resulta ser difícil e que demanda atenção sensorial, emocional e intelectual. De acordo com Hernández (2008), é transformar o ato comum de registrar por meio da grafia em algo extraordinário, ao provocar, inovar e quebrar resistências, ao induzir a novas maneiras de ver ou fazer. Os procedimentos artísticos utilizados na feitura dos diários procuraram dar conta de práticas das minhas diferentes experiências como estudante, pesquisadora, leitora, artista, trabalhadora, professora, revelando aspectos que só são possíveis de tornarem-se visíveis por meio da investigação baseada nas artes¹.

Figura 7 – Slam Mosca no *tablet* e Zine Mosca no caderno, em Tópicos de ensino da Arte



Fonte: Desenho e colagem digitais, à esquerda. À direita, hidrográfica sobre papel, e exemplares do *zine Mosca*, elaboração própria (2018).

¹ A Pesquisa (ou Investigação) baseada em Artes (PEBA) abarca uma diversidade de metodologias de pesquisa que pretendem compreender as experiências vividas a partir de uma perspectiva narrativa baseada em diversas manifestações artísticas, como o desenho, a música e a dança (OLIVEIRA; CHARREÚ, 2016).

2.2. QUEM SOU ENTREMEIOS?

A escrita de um relato autobiográfico já não é mais a experiência vivida, mas sim, a criação de uma nova experiência, desdobrada daquilo que foi vivido e já combinada com outros elementos, com a soma das impressões e do que foi reflexionado e sentido a partir dela. (NUNES, 2015)

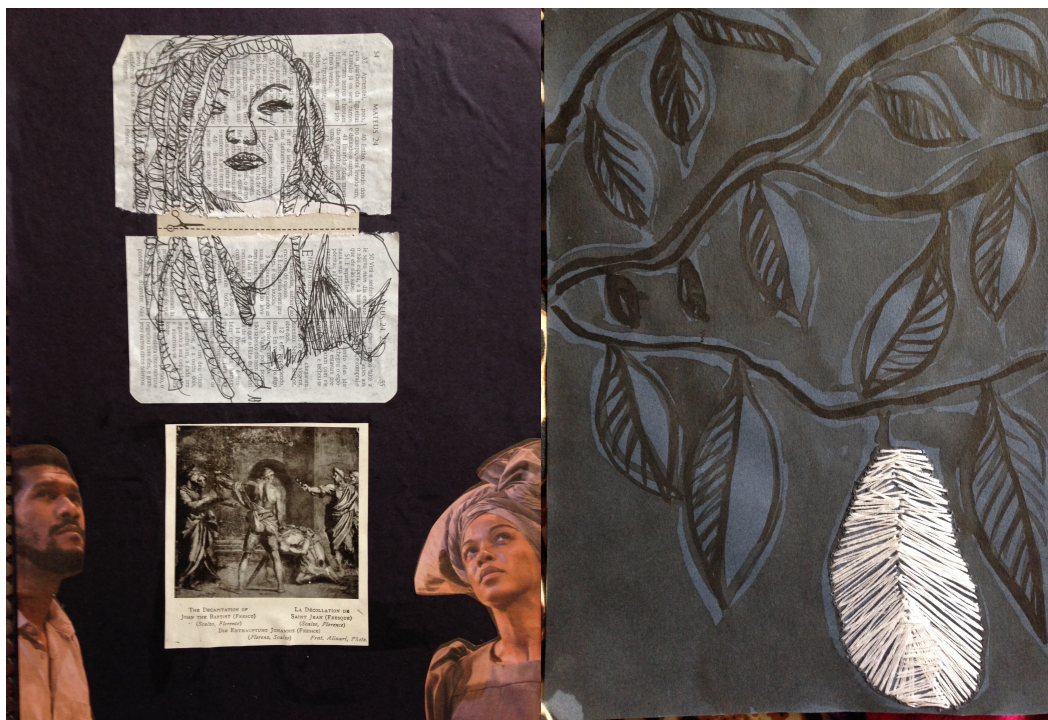
Escolhi o diário gráfico como tema de minha pesquisa por ser um objeto interface meio que me acompanhou ao longo da graduação, pois os atos de anotar, rabiscar, desenhar, manchar, riscar, pintar, sujar, furar, colar, cortar diversos tipos de materiais podem ser transportados e mantidos em um mesmo local de forma organizada por meio do uso de algum tipo de caderno, de espiral ou brochura. Ou mesmo algum tipo de agenda, se tiver um botão ou alguma amarração, melhor, para manter ali dentro uma profusão de papeis e pedaços de objetos, e desenhos e bilhetes, entre folhas recheadas de uma letra caprichada a tinta esferográfica, recheadas de pensamentos, impressões, relatos, poemas, letras de canções.

Figura 8 –Li *Octopus* e estudos de cor: diário do primeiro ano da licenciatura



Fonte: Grafite e caneta nanquim à esquerda; esferográfica, hidrográfica e acrílica, elaboração própria(2016).

Figura 9 – Artífice, técnicas tradicionais, ancestralidade, exploração do trabalho no diário de Desenho



Fonte: Colagem , *found paper* , nanquim, à esquerda; à direita, nanquim e bordado sobre papel, elaboração própria (2017).

De acordo com Drucker (2010), nas culturas tradicionais, as técnicas e atividades da *fine art* não se distinguiam de outro tipos de artesanato. Cerâmica, tecelagem, objetos religiosos e cerimoniais eram cuidadosamente feitos e elaboradamente decorados sem absterem-se de sua função para atividades culturais sagradas ou tradicionais. Arte era um conceito associado à técnica ou habilidade aplicada. A prática chamada *detournement*, que transformava o significado das imagens e objetos produzidas em massa pela intervenção na imagem e ou nas formas de um trabalho artístico, teve como precedentes a colagem e fotomontagem Dada e o uso que Duchamp fez das reproduções industrializadas². A mídia é um dispositivo estético e a arte, uma forma especializada de experiência, dentro do âmbito mais amplo da percepção mediada.

² O movimento Dada experimentou uma variedade de mídias e rompeu com os conceitos prévios de materiais e modos específicos de fazer arte, como resposta ao mundo pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A prática do *detournement* remete ao movimento CoBrA (1948-1951), presente na obra do artista dinamarquês Asger Jorn (1914-1973). Marcel Duchamp (1887-1968), artista francês que revolucionou o sistema de arte ao apresentar, em 1915, o conceito de *ready made*, quando um artista dá status de arte a objetos industrializados isolados de seu contexto e utilidade. (MoMA, 2006, tradução minha)

Durante o curso, mudei de residência muitas vezes, dentro de Porto Alegre, carregando comigo meus diários. Em 2020, após a instauração da quarentena pela doença do coronavírus (COVID 19), vim para o sul do México, onde estou atualmente, trabalhando num espaço *AirBnB*.

Figura 10: Os encantos de Vovó, em diário da Oficina de Técnicas Pictóricas



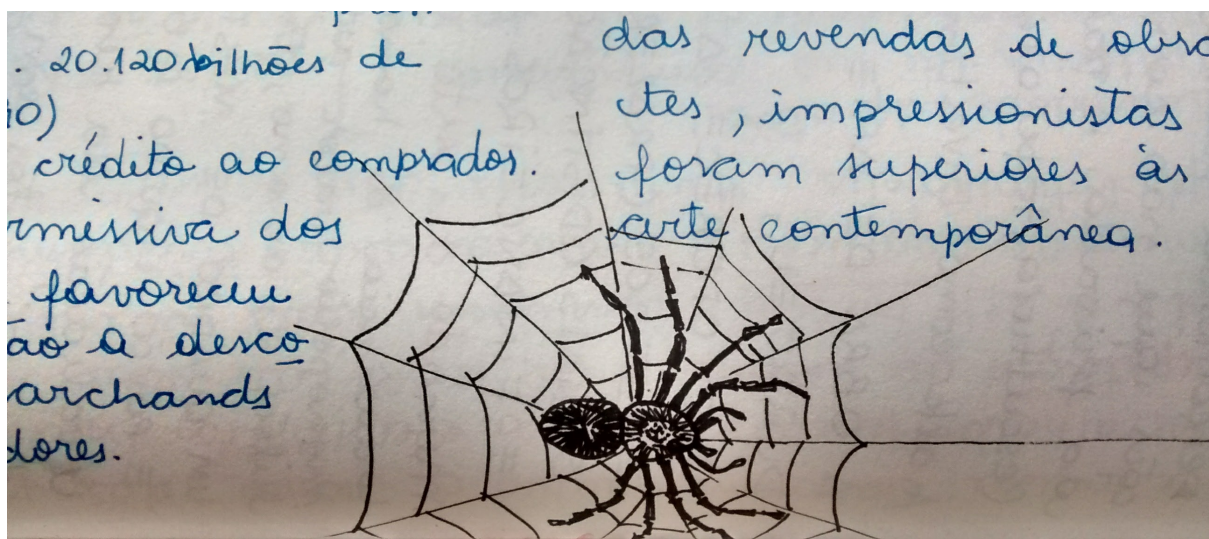
Fonte: Papel vegetal e esferográfica sobre *transfer* e acrílica, elaboração própria (2019).

3.PERSPECTIVAS SOBRE O PROCESSO FORMATIVO

Segundo Rita Irwin e Stephanie Springgay (2008) alguns conhecimentos não podem ser transmitidos pela linguagem, é preciso autoestudo, estar em comunidade, investigar de maneira relacional e ética. Viver uma pesquisa dinâmica, fluida, em movimento constante. Jeitos de fazer pesquisa como situações relacionais que provocam sentido por meio da contemplação e da complicação.

A intenção em debruçar-me sobre meus diário gráficos foi realizar uma síntese artográfica³, ou seja, produzir uma nova forma midiática a partir de outras prévias, no caso dos percursos registrados nos diários gráficos produzidos durante a graduação.

Figura 11 – Tecendo conhecimentos



Fonte: Hidrográfica sobre papel, elaboração própria (2016).

Segundo O'Donnell (2009, p. 96, tradução minha) "rabiscar é como escrever um haiku. Com poucas linhas pode-se representar grandes ideias". A produção se dá por meio de ruptura, desvio e desordem conforme o conceito de Irwin e Springgay (2008) em uma grafia que se entrelaça, se move e flui em momentos dinâmicos, que penetram o sentido num espaço intersticial, aberto e vulnerável, onde significados e entendimentos podem ser questionados e destruídos. Esse conceito abandona a ideia de teoria como sistema abstrato distinto da prática e

³ A artografia (do inglês *A/R/Tography*, onde o acrônimo ART corresponde a *Art*, *Research* e *Education*, em português, respectivamente, Arte, Pesquisa e Educação) é um tipo de PEBA realizada por uma pesquisadora que vive nas fronteiras dos papéis de artista, pesquisadora e professora. Ver os artigos de Rita Irwin (2004) e Irwin e Springgay (2008).

coloca ambas, teoria e prática, como espaço vivo e corporificado de investigação. Abriga conexões e rupturas por meio de conversações com as pessoas, os textos, a arte, as ideias e o ambiente circundante.

Figura 12 – Diários pós pandemia e pré ensino remoto



Fonte: Grafite e nanquim; à direita, colagem e acrílica sobre caderno preparado para as aulas de 2020/1, elaboração própria (2019-2020).

De acordo com Fernando Hernández, (2008) pode ser um desafio fazer pesquisa e concomitantemente desenvolver narrativas autônomas, textuais e visuais, que se complementem, se interconectem e permitam estabelecer espaços a partir da criação de novos significados e relações, pois centrar-se nas experiências pessoais supõe uma permanente tensão entre processo narrativo e performático. Por outro lado, ao escolher utilizar um produto artístico para dar conta de uma pesquisa, se cria espaço de fomento de ideias, sem tantas conclusões, pois, segundo Hernández (2008)

“(...)o processo artístico também implica transitar entre silêncios, tempos de ação, de escuta, de conversação, de observação, de pensamentos, e entre os espaços e as conexões de tudo o que foi citado anteriormente”.(HERNÁNDEZ, ,2008, p. 27, tradução minha)

Abarcando esse conceito da teoria e da prática como espaços de pesquisa viva, busca-se olhar, nos diários gráficos, quais narrativas de arte, pesquisa e ensino insurgem ao longo do curso, sobretudo onde ressoam uns nos outros. Narrativas do

tipo de pesquisa em educação baseada nas artes que situam esse três conceitos como entrelaçados em metonímia e hibridização, numa “abordagem de pesquisa que busca o sensual, o tátil e o não dito (...)” (SPRINGGAY; IRWIN; KIND, 2005, p. 899, tradução minha).

Figura 13 – Livre como um passarinho: HQ hibernando em diário de aquarela com capa revestida de resto de calça jeans!.



Fonte: Grafite e nanquim sobre papel 300g, elaboração própria (2019).

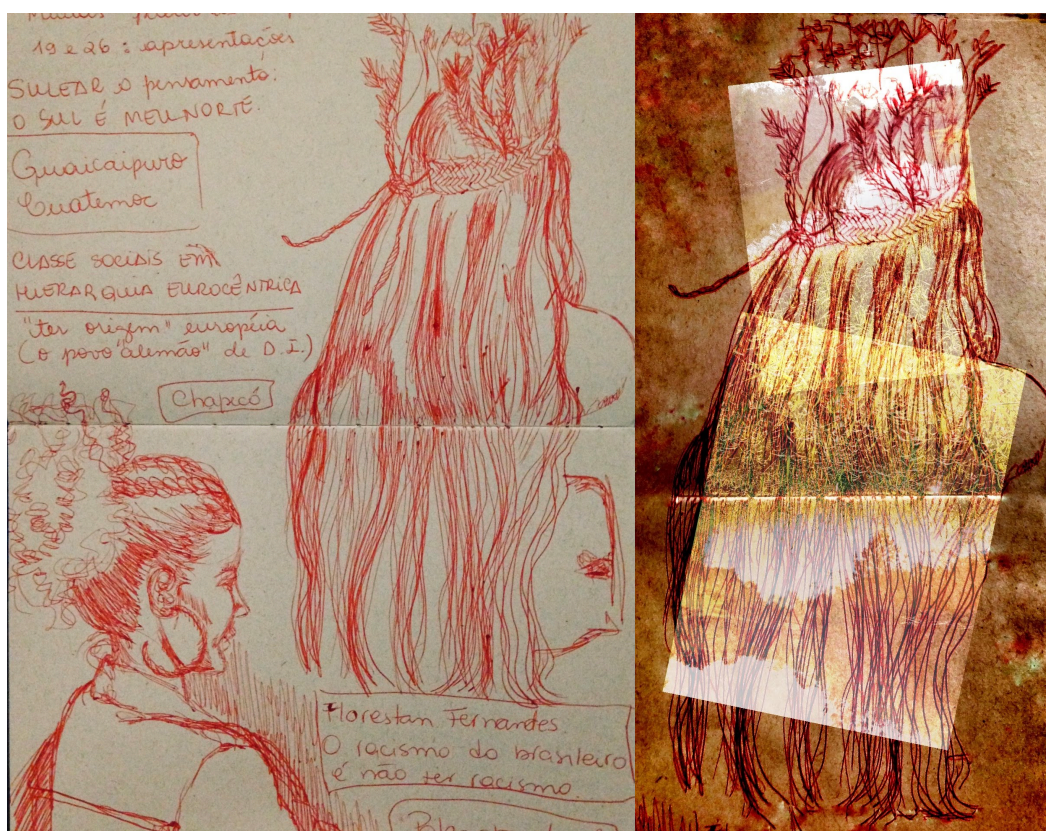
3.1.QUAL ARTE?

Se existe uma palavra que todos temem conceituar num curso de artes visuais é-la, arte. Arte não como um ideal romântico, de objetos especiais concebidos e realizados por pessoas especiais, mas como técnica e articulação, segundo Marilda de Oliveira e Cristian Mossi (2018). Arte como o emprego de atitudes, processos e procedimentos para transformar a realidade e relacionar-se com o mundo circundante, com o externo, com a natureza e com os outros seres.

Arte como uma forma de sistematizar o conhecimento existente e de conceber novos saberes por meio de

“(...)recursos não usuais como imagens, sons, poesia, movimentos corporais, materiais inusitados, dentre outros, de forma a dizer, ver, ouvir, expor, ler o que outros disseram, viram, ouviram, expuseram, leram, mas que, ainda assim, permanece oculto (OLIVEIRA; CHARRÉU, 2016), não foi dito, visto, ouvido, exposto, lido do mesmo jeito; por meio de imagens, sons, poesia, movimentos corporais, materiais inusitados, para expressar o que, apesar de conhecido, permanece oculto.” (OLIVEIRA, MOSSI, 2018, p. 125)

Figura 14 – No caderno e no *tablet*, as presenças no Encontro de Saberes.



Fonte: À esquerda, esferográfica sobre papel; à direita, colagem digital, elaboração própria (2018).

Segundo Irwin (2004) “arte é a reorganização visual da experiência, que torna complexo o que é aparentemente simples e simples o que é aparentemente complexo.” A arte pode levar mais adiante os objetivos da educação. De acordo com Elliot Eisner (1992), por meio da arte os problemas adquirem muitas formas de apresentação, a imaginação trabalha com múltiplas possibilidades e interpretações pessoais adquirem especial importância. A arte ensina que os objetivos podem ser flexíveis, que é possível estar aberto a situações imprevistas, perceber que não existe uma só resposta certa, que forma e conteúdo interagem e que há formas de expressar-se que só são possíveis por meio da arte. Pois há grafismos que

proporcionam maneiras por meio das quais a compreensão e o sentimento emergem no mundo público. Em outras palavras, a arte ajuda a estudante a reinventar sua capacidade pessoal de sentimento e imaginação. E, à medida que cresce a imaginação, abre-se a possibilidade de criação de novos mundos que não estão apenas vinculados ao que é literal e prático.

Irwin e Springgay (2008) afirmam que os artistas consideram o tempo como pausa, duração, mudança, interrupção e ritmo. E o espaço, como abertura, fragmento, infinitude, limite e conexão. Tempo e espaço são condições para a existência, para engajar-se com o mundo por meio da curiosidade.

"A arte não serve a um propósito único, não pode ser circunscrita a agendas ou crenças. Essa afirmação abre um espaço de renovação contínua para a imaginação humana, possibilitando expressão sob qualquer forma, efêmera ou material, para a capacidade imaginativa. Finalmente, a prática da arte torna-se independente dos objetos ou coisas, mesmo de ideias ou práticas. A arte torna-se um meio de prestar atenção." (DRUCKER, 2010, p.18)

3.2 QUAL PESQUISA?

A convicção de que o conhecimento também pode derivar-se da experiência faz com que os limites entre quem investiga e o objeto/material investigado se desfaçam. O diário gráfico e os procedimentos artísticos empregados para dar conta das experiências deste ser que vive nos entremeios (a pesquisadora, a leitora a autora) revelam aspectos que só são visíveis dessa maneira. Segundo Oliveira e Charreu (2016) a relação com o objeto investigado provê um outro tipo de olhar, "artístico", que nos permite vislumbrar o que não encontraríamos com outras metodologias.

Oliveira e Charreu (2016) lançam a questão

"'pesquisa viva', o que isso significa? Quer dizer que nos importa mais o que está *in progress*, o que está em percurso durante o processo, a criação em si, do que os dados coletados, as amostras, as verificações e as análises de dados ou a própria materialidade da pesquisa." (OLIVEIRA; CHARRÉU, 2016, p. 374).

A pesquisa se construiu durante o processo de pesquisar, e a pesquisadora está se construindo na investigação, adotando uma "postura artística", segundo Oliveira e Mossi (2018, p. 124), "menos coladas em acumular saberes e mais engajadas em compartilhar experiências". Experiências de participação ativa na criação de sentido por meio da curiosidade artística, educacional e criativa.

Figura 15 – Frase da pandemia no Laboratório de Processos Gráficos



Fonte: Colagem digital elaboração própria (2020).

Segundo Hernández (2008, p.93) “(...) em toda atividade artística há um propósito investigador.”, e a arte traz o fazer para dentro da pesquisa. A pesquisa realizada ao longo do trajeto com os diários gráficos que apresento aqui busca diversas perspectivas de ver certas atividades educativas humanas por meio da atividade artística, que permeiam o processo investigativo e o texto da pesquisa, apresentado aqui e na forma de *site*.

3.3. QUAL ENSINO?

De acordo com Hernández (2007) uma educação que permita construir e participar por meio da experiência vivida como processo de aprendizagem é repensada diariamente em conjunto com sujeitos em permanente transição rumo ao incerto e ao desconhecido e a novas maneiras de aprender. O ato pedagógico não tem fim, não encerra-se em si mesmo, o aceitamos como uma produção cultural inacabada, é construção de conhecimento horizontal. Escolheu-se o caminho que relaciona conhecimentos e experiências derivadas das artes visuais com concepções e práticas relacionadas à educação escolar.

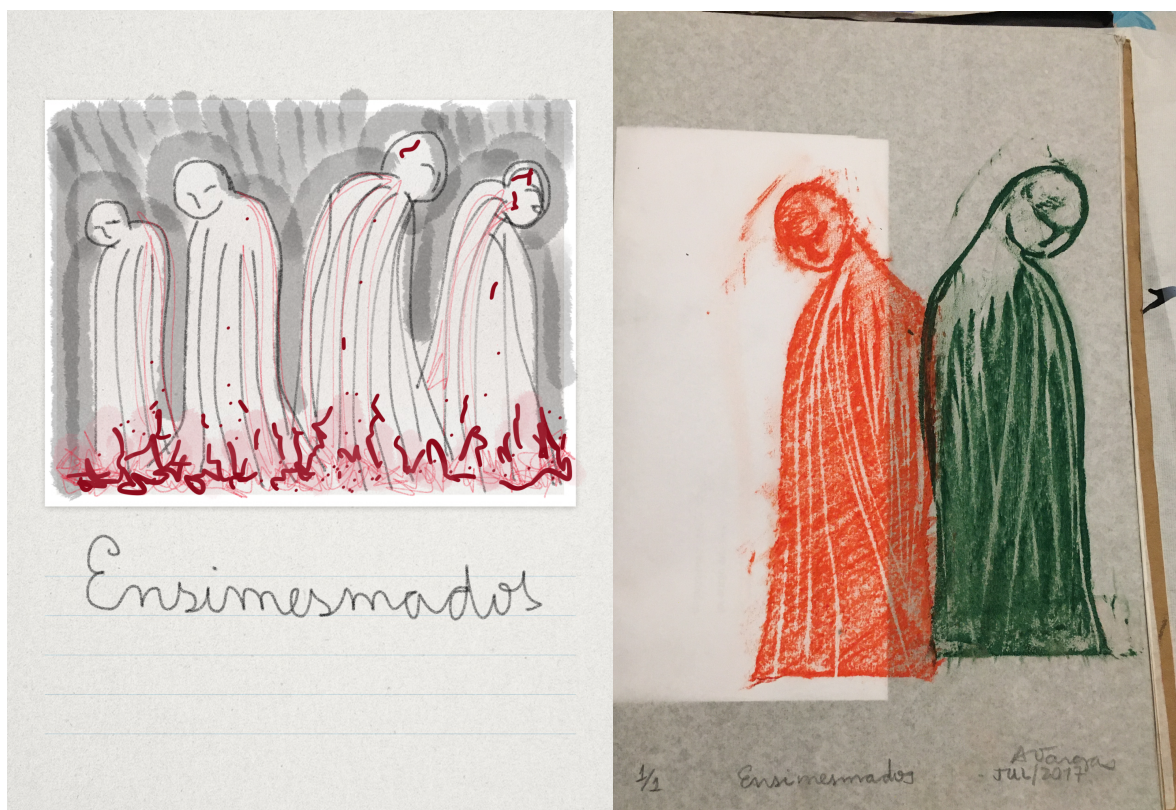
Figura 16 –. Práticas da educação escolar



Fonte: Colagem digital à esquerda; hidrográfica e lápis aquarelável à direita, elaboração própria (2016-2018).

Viver nas fronteiras: integrar teoria/pesquisa, ensino/aprendizagem e arte/ produção para mover-se em direção a categorias complexas de inter e intratextualidade e re-criar, re- pesquisar e re-aprender modos de compreender, apreciar e representar o mundo. Pesquisar e produzir conhecimento ao aceitar e ressaltar a incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, visualização e o dinamismo, segundo Irwin (2008). Ultrapassar as limitações da linguagem como veículo de expressão de experiências humanas que só as artes, as imagens e as visualidades produzidas podem proporcionar. Sem seguir uma linearidade pautada por um plano prévio, seguir, antes, uma estratégia rizomática, construindo-se à medida que se vai desenvolvendo . Ao considerar a educação como um campo que busca nichos e brechas proporcionados pelas linguagens artísticas para poder encontrar respostas mais vibrantes para novos problemas educativos, é impossível prever onde acaba o estético-artístico e começa o educativo e vice-versa, num campo resolutamente transdisciplinar de pesquisa caracterizado por sua porosidade e permeabilização.

Figura 17 – Ensimesmada no Ateliê de gravura I



Fonte: desenho digital à esquerda; xilogravura sobre papel sulfurisê, à direita, no caderno, elaboração própria (2017).

4 MÍDIAS E PERCURSOS

Meus cadernos que serviram de suporte para a feitura de alguns dos diários gráficos eram industrializados, novos e reciclados (incluindo cadernetas e blocos), em papel branco, colorido e reciclado, entre 70 a 300 g/m, com ou sem algodão: papel sulfite, *Mi Teintes*, *Bristol*, vegetal, jornal, sulfurisê, de arroz, papelão e papel paraná (reciclado de blocos). E muito papel reutilizado de desenhos e aquarelas malogrados e reaproveitados de livros, revistas, jornais.

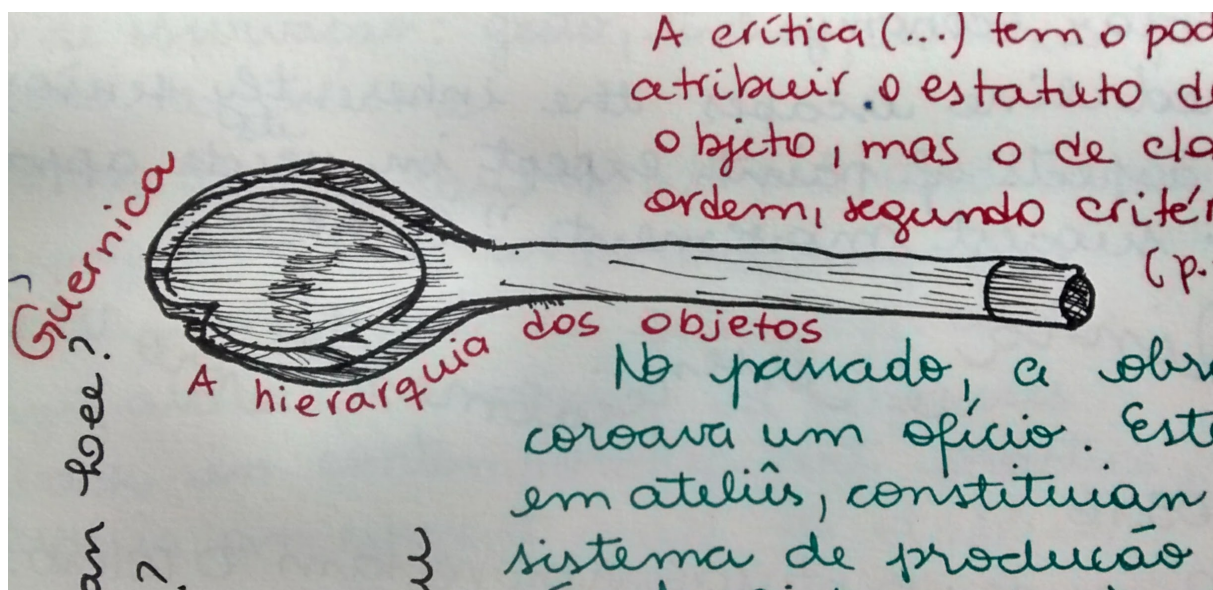
Os caderno foram fotografados ou escaneados, não em sua totalidade. Saí do país durante a feitura do projeto de pesquisa, em setembro de 2020 e não havia como carregar 15 kg de diários gráficos. Então, a narrativa ganhou força na questão da feitura do objeto, sempre digitalizado para poder ser partilhado e exibido nesses tempos de corpos afastados, além de comportar diferentes tipos de mídias, como vídeo e audio, para compor a totalidade do objeto diário gráfico

Figura 18 – Alguns dos diários gráficos deste percurso formativo.



Fonte: Encadernação e técnica mista, elaboração própria (2016-2020)

Figura 19 – Estatuto de objeto no diário do primeiro ano



Fonte: nanquim e hidrográfica sobre papel, elaboração própria (2016).

Confeccionei os cadernos em brochura simples, composta de um caderno costurado à mão com 3 ou 5 pontos, ou a cada 1 ou 2 cm. Também usei encadernação japonesa, com as folhas não dobradas costuradas entre 2 e 3 cm de uma das extremidades, ou copta, composta por vários cadernos costurados entre si. A técnica com costura copta que uso inclui tiras de algum material resistente que une todos os cadernos e os prende à parte interna da capa, como cordas, restos de tecido e tiras de couro. E os tamanhos variaram entre A4 e A7, ou seja, entre 21x29,7 até 7,4x10,5 cm.

Os diários gráficos digitais e as imagens que compõem este trabalho foram capturadas com os *smartphones* *iPhone* 5, com sistema operacional IOS 10.3.4, até 2018 e, desde então, com um *iPhone* 6s, sistema operacional IOS 14.4.2 e com o *tablet* *iPad* 4, sistema operacional IOS 10.3.3, e o *laptop* *Macbook Air* 2017, sistema operacional MacOS Catalina.

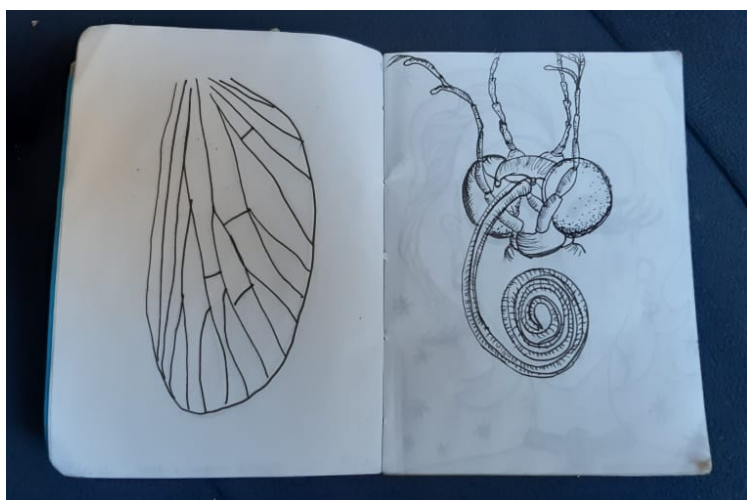
Para edição e tratamento das imagens. usei os aplicativos *Google Fotos*, *Google Docs*, *iPhoto*, *iMovie*, *Garage Band*, *Pré-Visualização*, *Instagram*, *Prisma*, *Snapseed*, *BambooPaper*, *Autodesk Sketchbook*, *Clips*, *Webnode*, *Giphy*, *Canva*, *Padlet*, *YouTube*, *Livros* e *Pages*.

Muitos materiais foram utilizados no grafismo dos diários: nanquim, caneta nanquim e bico de pena; caneta hidrográfica, esferográfica e gel; grafite, carvão, *crayon Conté*, pastel seco e oleoso; aquarela, acrílica e óleo. Materiais, esses,

utilizados em desenhos de imaginação, observação, cego, digital, figurativo e abstrato. Em colagens e *frotages*. Gravura: xilo e ponta seca. Pintura, cerâmica., bordado, costura, encadernação e *transfer*.

Neste trabalho, as imagens e referências aos diários gráficos foram criados para e durante as disciplinas de Ateliê de Percepção e Criação I (pintura), com Marilice Corona; Ateliê de Percepção e Criação II (gravura), com Celso Vitelli; Laboratório de Arte e Ensino, com Paula Mastroberti; Fundamentos da Linguagem Visual 1 e 2 (desenho), com Nico Rocha, cursados em 2016. Também para os Ateliês de Desenho 1 e de Tópicos Especiais em Desenho IV, também com Nico Rocha; de Gravura I, com Helio Fervenza; de Pintura 1, com Marilice Corona, cursados em 2017. Em 2018, a produção dos diários contemplou o Ateliê de Cerâmica I, com Carusto Camargo; Tópicos Especiais em Ensino da Arte, com Aline Nunes; Encontro de saberes, com uma equipe de professores e sob responsabilidade geral da Luciana Prass ; Oficina de Técnicas Cerâmicas, com Cláudia Zanatta. No ano seguinte, 2019, foi a vez das Oficina de Técnicas Pictóricas, com Lilian Mauss; Estágio II com Cristian Mossi; Laboratório de Informática e Ensino das Artes Visuais, com Paula Mastroberti; e Fundamentos da Pesquisa em Arte, com Jéssica Becker. Laboratório de Processos Gráficos, com Maristela Salvatori, e Seminário de Projeto 1 e 2 com Aline Nunes, Aquarela, com Laura Castilhos, e o Estágio III, com Cristian Mossi, foram os diários produzidos em 2020 e 2021.

Figura 20: Derivas em brochuras A6, diários de Tópicos de Ensino da Arte.



Fonte: caneta nanquim, elaboração própria (2018).

4.1.SITE: O [DIÁRIO GRÁFICO](#) PÓS-PANDEMIA

A construção do *site* se deu pela necessidade de ambiência de entrega do diário gráfico final que se constitui como parte do trabalho de conclusão de curso. A ideia inicial, antes da pandemia, era realizar o estágio no ensino médio com atividades sobre o diário gráfico e utilizar a produção feita durante o estágio pelos estudantes. Quando a possibilidade de estágio presencial foi extinta, essa ideia foi abandonada.

Em março de 2020, os planos traçados para o ano foram, em princípio, adiados e depois, transformados, para adaptarem-se à nova realidade sanitária vivida pela humanidade. Quatro meses de aulas suspensas, escolas e universidades fechadas, estágio adiado, sem os estudantes, a escola, a sala de aula, a secretaria, o pátio, o elevador, o ateliê, a biblioteca (Ah!, a biblioteca!) .As relações de estudo e pesquisa passaram a ser *online*. E sobrou um espaço digital remoto onde partilhar a pesquisa vivida nesses tempos de licenciatura, para isso escolhi uma plataforma que me pareceu intuitiva, o *WebNode*, um editor de site online com armazenamento suficiente para comportar o volume de imagens e vídeos.

As imagens, vídeos, áudios e *gifs* do site foram, em sua totalidade produzidos por um *smartphone iPhone 5* ou *6s*, um *tablet iPad* e um *MacBook Air 2017*. Todas as fotos, vídeos, áudios e *gifs* são de minha autoria e todas as imagens veiculadas, em suas diferentes mídias originais, também são de minha autoria, realizadas durante os anos que frequentei a licenciatura. As fotos e vídeos foram tratadas com os aplicativos *iPhoto*, *Pré-visualização*, *Snapseed*, *Instagram*, *Clips* e *iMovie*. As colagens digitais foram feitas no *Snapseed*, *Autodesk Sketchbook* e *Google Fotos*. Os audios foram produzidos no aplicativo *Notas de Voz* e alguns mixados no aplicativo *Garage Band*. Os *gifs* foram criados com o aplicativo *Giphy*. Todo esse processo se revelou um excelente meio de feitura de diário gráfico pois, durante o tempo da escrita desta pesquisa, minha produção gráfica cotidiana foi esparsa, em distintos cadernos e folhas soltas, e em vídeos e audios que revelaram impressões e reflexões.

O *site* não é um complemento a este trabalho escrito, mas o tensiona, expande e questiona. No *site*, busquei uma linguagem escrita evocativa, vernacular, polifônica, associada à experiência, à metáfora, tentando recriar a experiência por

meio da forma que assume. Como afirmam Baroni e Eisner (2012) levantando mais perguntas que respostas.

4.2.EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO REMOTO

Durante o estágio remoto⁴, a partir das opções oferecidas, escolhi realizar uma aula experimental que teve como tema o diário gráfico, e criar um material didático para a turma de estágio, onde os 12 colegas, o professor e a monitora, totalizando 14 pessoas, hipoteticamente, tentariam manter uma postura de alunos de ensino médio. A primeira aula contou com a participação de 10 pessoas, 4 fizeram a atividade referente à aula assíncrona, e 8 assistiram à segunda aula. No fim, 8 estudantes experimentaram o diário gráfico, fizeram as atividades e contribuíram para a construção do diário da turma.. Esse plano de ensino está no Apêndice A e as aulas síncronas [O caderno como diário gráfico](#) e [Os diários gráficos da turma](#) estão gravadas no Youtube.

Para colocar o plano em prática, em duas aulas síncronas entremeadas por uma assíncrona, criei o *Padlet* [Diário Gráfico](#) com conceitos, exemplos e dicas de como produzir um diário gráfico. O material didático criado é um vídeo montado a partir de fotografias, com dublagem minha, para ensinar o tipo de encadernação com costura mais simples que conheço, o de 3 pontas, já que não encontrei nenhum material sobre essa técnica em buscas pela *internet*. O vídeo [Encadernação 3 pontos](#) está disponível no meu canal do *YouTube*.

Todo esse material ficou reunido no *Padlet*, e parte dele também está no site. Por meio de uma avaliação que privilegiou questões sobre a possibilidade do uso do caderno como diário gráfico, foi possível perceber a potência desse recurso na educação em arte, e a proximidade do conceito de diário gráfico como mídia de pesquisa viva na experiência dos estudantes. A partir do desdobramento das atividades propostas foi possível partilhar questionamentos, experiências, reflexões

⁴ Após o surgimento da pandemia por doença causada pelo coronavírus (COVID-19), em março de 2020, a necessidade de cumprimento das medidas sanitárias necessárias à proteção da população levou à suspensão das atividades presenciais na UFRGS por aproximadamente 4 meses. Durante esse tempo, a universidade trabalhou *online* incansavelmente para instituir o Ensino Remoto Emergencial (ERE) que adaptou diversas disciplinas, e teve que suspender outras, para a modalidade remota à distância, oferecendo atividades síncronas e assíncronas. Por isso após as devidas adaptações do calendário escolar, a disciplina de Estágio 3 foi inicialmente suspensa no semestre 2020/1, e voltou a ser oferecida, com adaptações, no modo ERE, durante o semestre 2020/2.

e cotidianos, por meio dos registros gráficos apresentados de modo individual e/ ou coletivo, evocativo e provocativo. Muitos estudantes compartilharam seus grafismos e questões de pesquisa. Além do convite à criação do diário gráfico individual e plástico, foi criado também um diário gráfico coletivo em *pdf*, que foi publicado no *moodle* da disciplina e que, dependendo da aprovação dos autores participantes, pode vir a ser publicado *online*.

Figura 21 – Da encadernação à edição de vídeo pra ensinar a fazer um diário com os materiais que se tem em casa. . .



Fonte: elaboração própria (2021)

De modo que o diário gráfico, enquanto conceito e objeto, se mostrou fértil à produção de sentidos em arte, pesquisa e educação nesses tempos de ensino remoto e aulas por videoconferência. A aula planejada e a produção individual e coletiva dos diários gráficos trouxeram a possibilidade de investigar o mundo por meio de um processo permanente de produção artística e escrita. Como afirmam Anita Sinner *et al.* (2006) essa produção pode dar-se por quaisquer meios de forma interconectada e tecida de modo a não apenas ilustrar ou descrever, mas criar significados adicionais e/ou expandidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Onde ensino, arte e pesquisa se interrelacionam? Penso que é no processo, no que está em curso, que pode ser mais interessante do que o resultado. Qual a hora de parar? Ao conceituar diário gráfico como suporte artístico para pesquisa em educação em arte, pensando na minha formação, os diários foram companheiros de viagens interiores e a outro país. Serviram como diário pessoal, recurso artístico e acadêmico. Foram lugar de autoconhecimento, registro gráfico de memórias incertas.

O diário gráfico é uma forma não linguística de pesquisa educativa, um modo alternativo de representar dados que, no caso, é produzir sentidos, uma forma de interagir com o mundo por meio da linguagem gráfica, experimentando materiais e técnicas. Por meio da intertextualidade da imagem e da palavra é possível criar sentido em um espaço seguro, pois o diário gráfico não precisa ser mostrado. O advento da possibilidade de publicação de diários *online* permitiu a comunicação em uma variedade de modalidades, atendendo à minha necessidade pluralista cognitiva de artista pesquisadora professora que defende a expressão do inefável.

O trajeto por mim realizado com o acompanhamento dos diários gráficos foi esclarecedor, fértil, incisivo e relevante ao meu mundo educativo. O diário gráfico é este conceito que abarca a possibilidade de conter apontamentos, rabiscos, esboços, desenhos, pinturas, colagens, *frotages*, figuras, adesivos, etiquetas, recortes de jornal e revista, embalagens, papéis diversos, fotomontagens de elementos, etc. que registra ideias, pensamentos, impressões, opiniões, desenhos, projetos, imagens, sonhos e, é claro, o ambiente (o quarto, a casa, os caminhos da cidade, a escola, o trabalho, o parque, museu) e experiências (filmes e livros, viagens, festas, histórias de família e cotidianas).

Os diários são itens fundamentais no meu percurso de formação, revelando sua potência como suporte artístico para minha produção poética. Entendendo essa produção como artística, de aprendizagem (ensino) e de pesquisa, lembrando que essas duas últimas também são em vasta medida, poéticas. Contém a matéria prima que revela influências, métodos e visão de mundo que geram muitos outros trabalhos criativos. Aqui, servem os exemplos da produção artística estendida a partir dos diários, produzidos em gravura, cerâmica e HQ, além do próprio *site*, que foi o diário gráfico produzido para apresentação deste trabalho.

A pesquisa realizada com o trajeto do diários gráficos promoveu uma aprendizagem sofisticada, flexível e criativa, pois fomentou questionamentos, reflexão e fazer. A investigação incorporou questionamentos visuais, poéticos e narrativos, usando a potência da arte como postura ante o mundo para mudar o ponto de vista da investigação em educação. Arte e escrita se complementam, imagem e texto permitem questionamentos mais profundos, além da mera duplicação, incentivando novas maneiras de pensar, abordar e interpretar questões teóricas/práticas. Tanto o texto, o escrito, quanto a imagem, o visual, foram privilegiados, se encontrando em momentos de mestiçagem ou hibridação. Este trajeto pensa a arte como elemento básico para o desenvolvimento desta pesquisa, como um método, uma forma de análise, um tema, ou todos eles juntos. Considera o valor das artes para conectar abstrações ideológicas com situações específicas, ao considerar que a utilização de desenhos, histórias, vinhetas ou fotografias na investigação põe em jogo elementos pessoais e coletivos da experiência cultural.

Esta também foi uma atividade de pesquisa ação comprometida com práticas meditativas e contemplativas, que envolveu diversos processos artísticos. O conjunto da obra dos diários gráficos produzidos tem contiguidade, pois apresenta ideias geminadas entre produção artística e escrita, citações, engajamento com as obras de outros artistas. São exemplos de questionamento vivido, pela busca mesma dos diferentes métodos de feitura dos diários e seu emprego ao longo do curso, contextualizando as diferentes experiências vividas ao longo das disciplinas. Questionamentos que geram aberturas a múltiplas teorias, contradições e imprevisibilidades. O uso da metáfora do caderno como publicação digital e a metonímia do diário como espaço público, bem como o uso dessas figuras de linguagem nas diversas expressões da pesquisa. A reverberação das variações, das discontinuidades e das complexidades da pesquisa. E o excesso, a provocação, o que não pode ser ainda nomeado, mas que já existe, pois já transborda.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Renato. Diário gráfico. *In*: ALARCÃO, Renato. **Renato Alarcão**. 2014. Disponível em: <http://alarcao.com.br/portfolio/miscelanea-4/> Acesso em: 8 jul 2019.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes**. São Paulo: nº1 Edições, 2018. *E-book*. Disponível em: https://issuu.com/n-1publications/docs/livro_vagabundos_issuu. Acesso em 19 Ago 21.

DRUCKER, Johanna. Art. *In*: HANSEN, Mark. B. N; MITCHEL, William. J. T. **Critical Terms for Media Studies**, Chicago: The University of Chicago Press, 2010. *E-book*.

EISNER, Elliot W. La incomprendida función de las artes en el desarrollo humano. **Revista Española de Pedagogía**. Madrid, Ano L, n.191, Ene-Abr 1992. Disponível em: <https://mediacionartistica.files.wordpress.com/2019/01/1-la-incomprendida-funci%C3%B3n-de-las-artes-en-el-desarrollo-humano.pdf>. Acesso em: 14 Mar 2021.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2007. *E-book*.

HERNÁNDEZ, Fernando. La investigación basada en las artes. Propuestas para repensar la investigación en educación. **Educatio Siglo XXI**, Murcia, n.26, p. 85-118, 2008. Disponível em: <https://revistas.um.es/educatio/article/view/46641/44671>. Acesso em: 02 Mar 21

IRWIN, Rita L. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. *In*: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (org.) **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo: SENAC/SESC, 2008.

IRWIN, Rita.L. A/r/tography: a metonymic métissage. *In*: IRWIN, Rita.L; COSSON, Alex de. **A/r/tography: rendering self through arts-based living inquiry**. Vancouver: Pacific Educational Press, 2004. p. 27-38. Disponível em: https://www.academia.edu/721062/A_Metonymie_M%C3%A9tissage. Acesso em: 18 Ago 2019.

IRWIN, Rita. L.; SPRINGGAY, Stephanie. A/r/tography as practice based research. *In*: IRWIN, Rita. L; SPRINGGAY, Stephanie; LEGGO, Carl; GOUZOUASIS, Peter (ed.). **Being with a/r/tography**. Rotterdam: Sense Publishers, 2008. p. xiii-xvii. Disponível em: https://www.academia.edu/2587382/Being_with_a_r_tography. Acesso em: 31 mar. 2021.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. *In*: OLIVEIRA, M. O. de (org). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015. p.17-36.

MITCHELL, William J.T.; HANSEN, Mark. B. N. **Critical Terms for Media Studies**, Chicago: The University of Chicago Press, 2010. *E-book*.

MITCHELL; William J. T. O que as imagens realmente querem? *In*: ALLOA, Emanuel (org.) **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
MoMA LEARNING. Glossary of Art Terms. *In*: MUSEUM OF MODERN ART, **MoMA Learning**. Disponível em: https://www.moma.org/learn/moma_learning/glossary/. Acesso em: 25 Mai 2021.

MOSSI, Cristian. P.; OLIVEIRA, Marilda. O. de. Variações em torno das pesquisas em educação e arte com imagens. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.36, n.72, p.115-131, 2018. Disponível em :<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/download/668/446>. Acesso em: 23 Jan 21

NUNES, Aline. 2012. Em deslocamento; possíveis trânsitos entre a escrita de um diário de pesquisa e diários de campo etnográficos. **Revista Iberoamericana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes**. São Salvador, Set 2012. Acesso em: 17 Jul 2017.

O'DONELL, Timothy. **Sketchbook**: Conceptual Drawings from the World's Most Influential Designers. Massachusetts: Rockport Publishers, 2009. *E-book*.

OLIVEIRA, Marilda. O. de; CHARREU, Leonardo. A. Contribuições da perspectiva metodológica “Investigação Baseada nas Artes” e da A/RTografia para as pesquisas em educação. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 365-382, mar. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000100365&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 Mar. 2021.

SALAVISA, Eduardo. Caderno de Retratos: memórias imperfeitas. *In*: SALAVISA, Eduardo. **Desenhador do cotidiano**. 14 Out 20. Disponível em: <http://diario-grafico.blogspot.com/>. Acesso em: 28 Out 2019.

SINNER, Anita; LEGGO, Carl; GOUZOUASIS, Peter; IRWIN, Rita L.; GRAUER, Kit. Arts-based Educational Research Dissertations: reviewing the practices of new scholars. **Canadian Journal of Education**, Ottawa, v. 4, n.29, p.1223-1270, 2006. Disponível em:<https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ766913.pdf>. Acesso em 18 Ago 2019.

SPRINGGAY, S.; IRWIN, R. L; KIND; S. W. A/r/tography as Living Inquiry Through Art and Text . **Qualitative Inquiry**, [s.l.] v. 11, n. 6, p. 897-912, dez. 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/258181966_Artography_as_Living_Inquiry_Through_Art_and_Text/link/00b7d5323b351ac803000000/download. Acesso em 18 Mai 2020.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Convite à estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. *E-book*.

APÊNDICE A – PLANO DE AULA PARA ENSINO MÉDIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ENSINO E CURRÍCULO – DEC

Estágio III – Docência em Artes Visuais no Ensino Médio (EDU 02090)

Professor orientador: Cristian Poletti Mossi

Estagiária: Aline Capelli Vargas

Turma: EM, 12 estudantes.

Duração: 2 aulas síncronas de 50 minutos e 1 aula assíncrona.

1. TÍTULO: DIÁRIO GRÁFICO

1.1 Temática principal:

O caderno como diário gráfico.

2. OBJETIVOS

Fruir e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. Expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias, sentimentos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. Comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria. Valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais. Utilizar diferentes linguagens; estimular e compartilhar uma visão aguçada sobre um objeto cotidiano (caderno). Estimular a imaginação, a intuição e a curiosidade, a atenção e a capacidade de observação e experimentação.

3 JUSTIFICATIVA

O caderno é um objeto muito presente no cotidiano dos estudantes. Por meio de suas diferentes utilidades, pode servir de suporte para a construção de um diário gráfico, conceito que abarca a possibilidade de um caderno de folhas em branco ou

de rascunho, e mesmo completamente pintadas ou desenhadas, conter apontamentos, rabiscos, esboços, desenhos, pinturas, colagens, *frotages*, figuras, adesivos, etiquetas, recortes de jornal e revista, embalagens, papéis diversos, fotomontagens de elementos, etc. que capturam o olho do observador que registra suas ideias, pensamentos, impressões, opiniões, desenhos, projetos, imagens, sonhos e, é claro, o ambiente onde vive (quarto, casa, os caminhos da cidade, a escola, o trabalho, parques, museus) e suas experiências (filmes e livros, viagens, festas, histórias de família e cotidianas). O caderno também serve para guardar e colecionar folhas e flores secas, papéis, bilhetes, rótulos, selos, entradas, convites, fotos e outros pequenos objetos.

Pode ser uma forma de interagir com o mundo por meio da linguagem gráfica, experimentando materiais e técnicas. Segundo Leonardo Charreu

“(...) as imagens, eruditas ou populares, e as narrativas que desencadeiam, (...) têm vindo a tornar claro que os modelos tradicionais uniformes de redação científica começam a ser questionados como únicas vias possíveis de dar conta da experiência humana de olhar.” (CHARREU, 2015, p. 174)

Conceito prático de grande utilidade para pessoas das mais diversas áreas que gostam de desenhar e utilizar recursos gráficos – tinta, textura, linha – e anotações visuais, “ (...) como veículo de expressão de experiências humanas que só as artes, as imagens e as visualidades produzidas podem proporcionar.” (Charreu, 2015, p. 174).

Acredita-se na importância do ensino das artes visuais para a formação do sujeito, a partir da perspectiva de Rita L. Irwin (2008) que a teoria, a prática e a criação na pesquisa, no ensino e na produção de arte podem criar propostas artísticas que resgatem, confrontem e proponham novos sentidos à(s) realidade(s). Também, conforme Jorge Larossa Bondía (2002), pela importância do fazer e da experiência, que nos forma e transforma, que não pode vir a repetir-se em sua dimensão de incerteza

“(...)posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode anteci-par nem “pré-ver” nem “pré-dizer”. (BONDÍA, 2002, p. 28)

4. METODOLOGIA:

4.1 Aula 1

4.1.1. Conteúdo

O caderno como diário gráfico.

4.1.2. Objetivos

Acessar os conhecimentos prévios e experiências dos estudantes sobre uso de cadernos e demonstrar que muitos desses usos correntes são atividades passíveis de comporem um diário gráfico. Estimular a criação e/ou a reciclagem de um caderno que possa servir como diário gráfico. Observar, perceber, contemplar, experimentar, transmitir e compartilhar.

4.1.3. Metodologia

Após cumprimentos e avisos iniciais, pedir aos estudantes que encontrem um caderno seu em casa. Qualquer caderno, desde que seja de uso pessoal. Em seguida, será solicitado aos estudantes que selecionem uma página desse caderno, fotografem e me enviem via aplicativo *Whatsapp*. Na sequência, será concedido um tempo (cinco minutos, aproximadamente) para pensar em duas questões: 1) Para que uso esse caderno que escolhi? 2) O que posso guardar ou registrar em um caderno qualquer? Depois, cada um terá um tempo X para expor suas ideias a partir das questões lançadas, tendo um máximo de 15 minutos para que todos os participantes que assim quiserem, apresentem. Sendo, $X \text{ (min)} = n$ (quantidade de estudantes online): 15 min. Após todos apresentarem, as reflexões apontadas pelos alunos serão expostas em um mapa mental criado com o nome inicial de CADERNO na plataforma *Coogle* (link:<https://coggle.it/diagram/YE6OrtWHwv-SPA61/t/caderno/fb7e575b9a5d8583628d58f4d5f0d1447b52e939a8598477b4fc10a637d76b0e>).

Os resultados desse mapa mental serão direcionados no sentido de explorar os usos do caderno como diário gráfico. O conceito será apresentado por meio de arquivos de algumas imagens selecionadas de cadernos produzidos tanto por

artistas reconhecidos em narrativas da história da arte, como por *designers* e escritores, organizados em um *Padlet*. (link:<https://padlet.com/alinvargas/hj5gswkkw85r3f55>).

Alguns dos cadernos da professora também poderão ser apresentados na ocasião para orientar a discussão sobre os usos e desdobramentos desse/a suporte/materialidade nas práticas de expressão gráfica/artística. Após a apresentação, haverá um espaço de tempo reservado para orientações referentes à próxima aula, assíncrona, onde será solicitado que a turma escolha um caderno ou produza um, com as receitas que estarão disponíveis no *Padlet* e que pensem/engajem-se na escolha de um tema e nas técnicas que quiserem para que interfiram em seus diários, pelo menos em três ocasiões diferentes. Finalmente, que escolham uma dessas interferências, fotografem e postem ou enviem para a professora por *Whatsapp*, com seu nome, data e técnica de produção.

4.1.4. Recursos

Slide com questões:

O que posso guardar ou registrar num caderno?

Esse caderno que escolhi, uso para quê?

Esquema CADERNO no *Coogle*.

Slides com diário gráfico.

Links:

<https://www.instagram.com/thesketchbookproject/>

<https://en.calameo.com/read/000437765108841832c15>

<http://alarcao.com.br/portfolio/miscelanea-4/>

4.1.5. Avaliação

Quais foram as respostas às duas questões propostas?

Como foi a participação dos estudantes nos relatos sobre usos do caderno?

Como foi a participação dos estudantes na discussão sobre a possibilidade do uso do caderno como diário gráfico?

4.2. Aula 2 (assíncrona).

4.2.1 Conteúdo

A confecção ou criação de um diário gráfico.

4.2.2. Objetivos

Participar de processos de produção individual em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos. Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais. Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação, compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos. Demonstrar que muitos usos correntes são atividades passíveis de compor um diário gráfico. Estimular a criação e/ou a reciclagem de um caderno que possa servir como diário gráfico. Observar, perceber, contemplar, experimentar, transmitir e compartilhar.

4.2.3. Metodologia

Encarando os diversos fatores que podem interferir no engajamento em uma atividade assíncrona, para incentivar a participação, esse tema será lembrado por meio de envio de email aos estudantes. A atividade constará no *Moodle*, na data da aula, e sua realização e apresentação na próxima aula síncrona contarão como presença.

O seguinte enunciado está publicado no Moodle da disciplina:

Exercício assíncrono proposto pela Aline, que será retomado no dia 30/03:

Escolha um caderno usado ou novo ou faça um caderno à sua maneira, ou com uma das receitas disponíveis no *Padlet* <Diário Gráfico (padlet.com)>.

Escolha um tema entre os sugeridos abaixo, ou crie um tema de sua escolha. Esse tema vai guiar suas ideias, seus sentimentos mas não precisa aparecer necessariamente como palavra escrita ou como imagem. Por exemplo: se você

escolher o tema "refeições", não precisa ficar preso à ideia de fotos ou desenhos de pratos, muito mais coisa acontece quando estamos nos alimentando do que simplesmente ter um prato à frente de si. Uma dica: procure o tema escolhido no dicionário para refletir melhor.

Para esta produção, escolha quantas técnicas preferir (algumas são sugeridas abaixo) e realize algum tipo de interferência (colar, guardar, anexar) e/ou registro (desenhar, escrever, fotografar) nos seus diários, em pelo menos três ocasiões diferentes. Para usar o mesmo exemplo, se escolheu "refeições", poderá escolher três momentos em que estará se alimentando sem preocupar-se se serão no mesmo dia, ou ao longo da semana, em dias diferentes.

Finalmente, escolha uma dessas interferências, fotografe ou faça um *print* e envie para a professora por *Whatsapp*, com seu nome, data e técnica empregada.

Temas possíveis (ideias): corpo; roupas e acessórios; objetos; quarto; bagunça; paisagem; portas e janelas; refeições; retratos; diálogo ou troca de mensagens; animais de estimação; gambiarras e/ou coisas quebradas ou estragadas...

Modalidades e técnicas possíveis (ideias): desenho; escrita; pintura; colagem; carimbo; adesivo; recorte de fotos e palavras; recortes de formas em papel; uso de embalagens e papeis avulsos, fios, cola, tecido, fitas, rendas; filtros digitais e aplicativos de desenho (*Snapseed, Autodesk Sketchbook, Bamboo Paper*)

Outras referências relacionadas à aula podem ser conferidas nos links a seguir...

4.2.4. Recursos

Página no *Padlet*. (link acima)

Lista de e-mail dos estudantes.

4.2.5. Avaliação

A ser finalizada após a próxima aula síncrona.

O que disseram e fizeram os alunos que realizaram as atividades assincronamente?

O que disseram e fizeram os alunos que não realizaram a tarefa assíncrona?

Qual a opinião dos alunos sobre o material disponibilizado no Padlet

4.3. Aula 3

4.3.1. Conteúdo

Os diários gráficos da turma.

4.3.2. Objetivos

Apresentar os diários feitos pelos estudantes e pela professora. Fruir e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. Expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias, sentimentos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. Comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimentos, e exercer protagonismo e autoria. Analisar e experimentar diversos processos de remediação de produções multissemióticas, multimídia e transmídia, desenvolvendo diferentes modos de participação e intervenção social. Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

4.3.3. Metodologia

O diário da turma foi criado pela professora, a partir da colagem aleatória das páginas dos cadernos dos estudantes enviadas por *Whatsapp*, mostradas na primeira aula. Os alunos poderão mostrar seus diários realizados na atividade assíncrona pela câmera da chamada ou por meio de fotos enviadas por *Whatsapp* previamente, até o momento da aula. Os estudantes que quiserem, podem apresentar seus diários e compartilhar suas motivações, comentar a escolha do tema, das técnicas e suas experiências afins. Será mostrado um diário visual que contou com a participação da professora como autora. Também haverá um momento para aqueles que quiserem criar ou mostrar seus diários feitos durante a aula.

4.3.4. Recursos

Diário gráfico da turma Estágio 3. Disponível em: <https://padlet.com/alinvargas/o2672bgdrk4n8t2v>

Ensaio visual da professora. Disponível em: https://issuu.com/maristelasalvatori/docs/_apesar_de_8ff9de4958e00f

4.3.5. Avaliação

Quais foram as partilhas dos alunos que realizaram a tarefa assíncrona? Que temas surgiram? Quais as técnicas utilizadas?

Qual foi a participação dos estudantes que quiseram ou lembraram de fazer a atividade na hora da aula?

A ideia do diário gráfico é uma semente fértil?

5. REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 27 Nov. 2019.

CHARREU, Leonardo. Sobre a necessidade permanente de (re)definir um campo de estudo quando nos referimos à cultura visual sob uma perspectiva pedagógica. *In*: OLIVEIRA, Marilda O. de (org). **Arte, Educação e Cultura**. 2 ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015. p. 165- 180.

FTD (org). **Ação na escola e na comunidade**: projetos integradores: área do conhecimento: linguagens e suas tecnologias. V. único: ensino médio. São Paulo: FTD, 2020.

IRWIN, Rita.L. *A/r/tography: a metonymic métissage*. *In*: IRWIN, Rita.L; COSSON, Alex de. **A/r/tography: rendering self through arts-based living inquiry**. Vancouver: Pacific Educational Press, 2004.p. 27-38. Disponível em: https://www.academia.edu/721062/A_Metonymie_M%C3%A9tissage. Acesso em: 18 Ago 2019.